

Ensaio: A Geografia e a "Nova" Objetividade/Subjetividade*

Adáuto de Oliveira Souza**

O objetivo básico deste trabalho está centrado em compreender a ciência geográfica, enquanto objetividade dada e objetividade como vir-a-ser. Em outras palavras, trata-se de um ensaio de uma análise a respeito da Geografia atual e da Geografia a construir. Esse escopo nos conduz inexoravelmente à atual crise ontológica-epistemológica, que tanta polêmica já gerou em outras áreas do saber, mas que tem tido, presentemente, pouca repercussão na Geografia.

Toda ciência se origina a partir de um paradigma ~ um modo de conceituação capaz de criar unanimidade. O paradigma distingue-se, portanto, por seu poder explicativo, pelo número de questões tratáveis e resolvidas. Entretanto, no instante em que o paradigma, ele próprio, torna-se tema de reflexão e debate, existe uma crise.

Estamos em crise? Qual o seu significado para a ciência, em geral, e para o conhecimento geográfico, em particular?

Parece que estamos mergulhados numa verdadeira crise de civilização. Uma ausência de alternativas, um ocaso de paradigmas. Uma fase de eclipse das certezas e de exaustão paradigmática.

Há em dias atuais uma grande dificuldade em tratar a sociedade a partir do arcabouço teórico moderno. Trata-se de uma crise paradigmática: uma crise no conceito engendrado a partir de Descartes e para nós geógrafos a partir de Kant.

A razão está em crise e a ontologia perdeu sua funcionalidade. Há um novo modo de pensar, agir e sentir.

Silva argumenta apropriadamente que " a verdadeira razão da crise está no fato de que a Geografia está carente de fundamentos teórico-metodológicos capazes de dar conta de sua teleologia."

A Geografia do passado primou pela identificação e descrição exaustiva do singular, do que é único e diverso na multiplicidade. Nem sempre realizou a mediação da particularidade. Ora é o particular que dá significado concreto à teoria. Deste modo, se a riqueza e a multiplicidade do real constituíram o ponto de partida da Geografia, isso ocorreu porque os geógrafos davam importância às diferenças. Mas, as viam apenas como paisagem, notadamente paisagem natural.

* Trabalho apresentado à disciplina Epistemologia da Geografia Humana, ministrada pelo Prof. Dr. Armando Corrêa da Silva, no 2o. semestre de 1993.

** Aluno do Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP desde 1992. Professor da UFMS, Campus de Dourados, MS.

Este legado da Geografia, convencionada como tradicional, não pode e não deve ser desprezado.

Por sua vez, as vertentes geográficas denominadas crítica e radical deram um grande impulso na direção de uma ontologia espacial.

O problema, não resolvido, pelos geógrafos do passado é o de limitar-se ao visível empiricamente. O problema não resolvido ou mal resolvido, pelas geografias crítica e radical é, de um lado, rejeitar a pesquisa empírica como um momento do método e, de outro, rejeitar a investigação concomitante, como procedimento mental. Malgrado estes aspectos, as geografias crítica e radical realizaram importante avanço no contexto desta ciência.

As geografias teórica e quantitativa, surgidas antes do que se acabou de referir, por seu caráter pragmático, apresentam-se na aparência como trabalho produtivo. E, em alguns casos, o conseguem. Mas, apenas nos limites do conhecimento útil que o capital manipula. Buscando, provavelmente, nas suas críticas ao passado/e presente, produzir trabalho produtivo, invariavelmente não consegue transpor as exigências apenas do aumento da produtividade.

Silva, destaca que " o modelo, destituído de seus aspectos formalísticos abstratos, pode ser útil ao geógrafo profissional, como tecnologia que é. E o problema não é a técnica mas a quem ela serve, numa sociedade desigual."

Modernidade e Pós-Modernidade

O acalorado debate entre as premissas do que se poderia chamar de epistemologia pós-moderna, que admite o fim da racionalidade totalizante, e de outro lado, correntes que advogam a totalidade como a única forma de entender a realidade é de extrema relevância para a construção atual da teoria geográfica, visto que atinge a questão metodológica espacial - em níveis global e do lugar. Muito se tem discutido sobre o esgotamento da modernidade. Desde autores como Rouanet e Giddens que consideram a pós-modernidade, como a continuidade modificada da modernidade, passando por Harvey que advoga a " condição pós-moderna", até os pós-modernos convictos como Lyotard e Silva. Este último por exemplo advoga que a modernidade, enquanto um projeto que oculta/não-oculta o desenvolvimento do capitalismo esgota-se na década de 60.

Os pós-modernos rejeitam a idéia de totalidade, porque ela representa uma racionalidade superior e alheia aos dados empíricos.

Silveira (1993:202) argumenta que " as idéias pós-modernistas propõem uma desconstrução dessa epistemologia que, valorizando a categoria de totalidade, tornava-se uma tirania totalitária..."

Num outro extremo, Giddens (1991:12/3), argumenta que " em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tomando mais radicalizadas e universalizadas do que antes." Desta forma para ele, nós não nos deslocamos para além da modernidade, mas estamos presenciando uma fase de sua intensa agudização.

Rouanet, tanto em " As Razões do Iluminismo" (1989) como em " Mal-estar na Modernidade" (1993) advoga " não tenho dúvidas sobre a realidade de todas as tendências que se autotransformam de pós-moderna...mas tenho dúvidas muito profundas sobre se elas representam efetivamente uma ruptura com a modernidade... Todas as tendências pós-modernas podem ser encontradas de modo pleno ou embrionário na própria modernidade."

Ele indaga: onde está a fronteira ?

E segue defendendo (1989:25) que " não há ruptura, há vontade de ruptura, que conduz à conclusão de que essa ruptura já ocorreu..." Afirma que os pós-modernistas tem razão quando criticam as deformações da modernidade, entretanto, não tem razão em distanciar-se da própria modernidade, pois, segundo ele " se a modernidade representou uma perda de liberdade, igualmente representou um ganho de autonomia."

Ele recusa a demitir-se da modernidade deixando intacta a modernidade repressiva por isso propõe uma perspectiva neomoderna, onde o prefixo indica uma alternativa calcada na própria modernidade, mas que almeja outra modernidade. Enfim, para Rouanet (1989: 270) o neomoderno significa " ...buscar no arquivo morto da modernidade o sentido autêntico da modernidade, significa contestar a modernidade atual em nome da modernidade virtual..."

Liotard (1993), exemplarmente, rompe com a teoria e o método modernos, em favor de propostas pós-modernas. Para ele, os discursos modernos, legitimam suas posições recorrendo aos metadiscursos. Este ato de universalizar e homogeneizar as metaprescrições fere aquilo que ele denomina a " heterogeneidade dos jogos linguísticos " (política, filosofia, arte, etc.). Por este prima, o pós-moderno é caracterizado como incredulidade quanto às metanarrativas legitimadoras, rejeição da filosofia metafísica, das filosofias da história, enfim, de toda teoria universalizante, atemporal. O conhecimento pós-moderno propõe a heterogeneidade, o inesperado, a diferença, a pluralidade, a inovação, o localismo e a micropolítica. O conhecimento é produzido pela dissensão e não pelo assentimento. A ciência pós-moderna se legitima pela paralogia.

Segundo Peet (1993:52) "...uma teoria da estrutura e do desenvolvimento global é um oxímoro para a teoria pós-moderna. Não existe uma teoria pós-moderna do desenvolvimento global..."

Silva (1993) advoga que " a crise dos paradigmas da modernidade deixou o discurso (hermenêutico :reflexivo-critico) vazio, ante o advento dos aparatos da pós-

modernidade e seus efeitos sobre o saber. O conhecimento tornou-se linguagem (imagem) ou fala."

A abordagem pluralista, defendida por Silva, em sua mais rigorosa definição " significa tomar teses diversas, das várias abordagens e operá-las de modo a consistirem em um todo orgânico, referido a um recorte do jornal, que tem consistência empírica."

Para Silva (1993), " o método, enquanto paradigma, foi substituído, no plural, por abordagens individualizadas que vão desde a construção epistemológica pessoal até a não-comunicação... Não é possível mais considerar a determinação, sem com ela a indeterminação."

Segundo este autor, a abordagem pluralista (nem sintética, nem analítica) parece encaminhar a solução da questão: o ser transforma-se no vir-a-ser. " O movimento do ser, transformando-se sempre no vir-a-ser, transpõe as barreiras da memória e do imaginário, nas subjetividades e objetividade continuamente reconstruídas no transpor os fluxos e fixos e a determinação dos objetos espaciais."

O método pós-moderno não objetiva conhecer todos os aspectos da realidade - um "quadro total" - o escopo é compreender o evento como um momento do todo.

Na atualidade houve um incremento do papel da subjetividade. A classe social dilui-se em frações de população. " A sociabilidade inerente à classe, no período liberal, transformou-se numa subjetividade pessoal que aglutina atores sociais variados em manifestações diversas." Por exemplo, os movimentos sociais urbanos.

No plano do saber a pós-modernidade (sociedade pós-industrial) afeta principalmente a investigação e a transmissão do conhecimento. Lyotard (1993:4-5) defende que : " O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação do espírito, e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso. (...) O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim: perde o seu "valor de uso."

Silva (1993) expõe, baseado em Harvey, o seu conceito de modernidade e pós-modernidade.

MODERNIDADE

monismo/macro-economia
homogêneo/monopólio
reflexão simples/centralismo
moradia pública/repetição
regras/seriedade/determinação
salário/bairro/pontos encontro
coletivo/liberação
estruturalismo/urbanização
estética/ética/acumulação
objeto/coisa/indiferença
produção e comércio
democracia/linguagem
dispersão/continuidade
afirmação/contrato formal
tática/código técnico
afetividade clássica/opacidade
texto/profundidade/fala
produção por etapas/sociedade
função/fato/dado/modelo
concentração/linha de montagem
auto-referência/agir impessoal
capital de serviços/reprodução
mecânica
aparência/metafísica
reforma urbana/território
necessidade/duração
sociabilidade/estrutura/tempo

PÓS-MODERNIDADE

pluralismo/micro-economia
heterogêneo/trabalho flexível
elitização/descentralização
moradia individual/inação
jogo/humor/indeterminação
renda real/local/regional/mundial
indivíduoação/sinergia
neo-estruturalismo/metropolização
ética/estética/capital
idéia-supra-sensibilidade
administração/consumo
política correta/discurso
centralização/descentralização
negação da negação/c. informal
estratégia/cod. linguístico
afetividade indefinida/transparência
imagem/leveza/argumento
prod. simultânea/social
movimento/função/gênese
flexibilidade
auto-reflexibilidade/agir comunicacional
capital técnico/reprodução eletrônica
eletrônica
ser/ontologia analítica
revital. urbana/lugar
liberdade/efemeridade
política/conjuntura/espço

Trata-se de uma colagem - técnica que os pós-modernos utilizam em larga medida - mesmo tendo sido utilizada inicialmente pelos modernistas. Nessa justaposição o autor ressalva que, as oposições, didaticamente postas em destaque, nunca são tão claras e igualmente não são prova de causalção histórica ou mesmo de relações necessárias.

Este quadro certamente é uma contribuição importante no acirrado debate entre modernos e pós-modernos, pois sintetiza ambas as posições. Neste caso do ponto de vista do pós-moderno.

Ainda segundo este autor, "a modernidade é um momento no tempo histórico. A pós-modernidade é um instante no espaço geográfico." Para ele, a primeira se põe como tempo vivido; a segunda como espaço-a-viver. Dito de outro modo, " a primeira se põe como memória e a segunda como imaginário, além da máxima consciência possível."

A filosofia, a ciência e a técnica da modernidade sempre tiveram seu " andaime " na razão e na racionalidade. A modernidade considera a indeterminação como um momento da determinação. Pois, admiti-la como autônoma é aceitar a barbárie.

Durante muito tempo, a base da razão e da racionalidade foi a Mecânica. Considerava-se o mundo em equilíbrio. O modo de pensar moderno, implicou por muito tempo, a noção de movimento linear.

A ciência geográfica materializa aos nossos olhos a hegemonia do paradigma cartesiano-newtoniano, que vê o mundo como um todo físico-mecânico estruturado pelas leis da matemática e por isso naturalmente formado de fragmentos que se conectam e matematicamente se unificam num espaço e tempo geométricos. A Geografia, mais que um corpo de conhecimento particularmente sistematizado, é uma das leituras da própria cultura ocidental que o Renascimento cria no século XVI e o Iluminismo se incumbem de consolidar no século XVIII, e que desde então cada ciência internaliza em nossa mente como a própria realidade de mundo.

Segundo Rui Moreira (1993:16) " do Renascimento(...)ao Iluminismo(...) a visão de mundo revirou-se por completo no Ocidente: o mundo-Deus cede lugar ao mundo máquina... o mundo encantado do corpo divino cede lugar ao mundo das formas racionalmente geometrizadas..."

Situada entre o Renascimento e a Modernidade, a filosofia Iluminista reivindicou vigorosamente a supremacia da razão na vida humana. Sob este instrumental, o capital pode controlar, reger e sujeitar o mundo aos fins de sua hegemonia de classe.

O que mudou?

Há um entendimento geral que os parâmetros anteriores à crise não dão conta mais de explicar o mundo além da modernidade.

No mundo pós-moderno, " quer se trate de ontologia ou epistemologia... a emoção é valorizada mais que a inteligência. Então, há um novo tipo de pensar, sentir e agir.

Uma nova sensibilidade que altera a relação sujeito-objeto, definindo uma subjetividade/objetividade."

Silva argumenta que refletir sobre a pós-modernidade " significa olhar com serenidade e distanciamento o moderno que, não obstante a mudança ocorrida, continua sua trajetória, mesmo porque as pessoas são atingidas desigualmente pelas inovações." Portanto, a modernidade se esgota enquanto parâmetro e não como forma.

Considerações Finais

Que espaço desejamos? O que nos prepara o futuro? Como adiantar-se ao vir-a-ser?

Até os anos 80 o problema da crise paradigmática foi detectado desde a área técnica até a área epistêmica, com as críticas à modernidade de estudiosos como Jean-François Lyotard, ao publicar, em 1979, " La Condition Postmodern."

A partir do momento em que se invalidou o instrumental metafísico da ciência moderna, para explicar a realidade, vem ocorrendo não só uma crise de conceitos ligados a moderna episteme (razão, sujeito, totalidade, progresso...), como também uma tentativa de busca de novos enquadramentos teórico-metodológicos que legitimem a produção tecno-científica num período que se quer caracteristicamente pós-industrial. O pós-modernismo, identifica-se precisamente pela não-crença no metadiscurso filosófico-metafísico. A grande narrativa perdeu sua credibilidade.

Tem-se aí um processo de "deslegitimação" (aliás, este é o título de um dos capítulos do livro de Lyotard), cujo motor é a exigência de legitimação.

O divisor de águas entre modernos e pós-modernos está na modernidade cultural. Ela é aceita por todos os modernos e rejeitada por todos os pós-modernos.

Para alguns a pós-modernidade é recente, outros a fazem remontar na década de 50, e para outros ele está presente em toda a história do homem - cada época vive sempre, em cada momento, seu próprio pós-moderno.

Malgrado as intensas discussões a respeito da pós-modernidade, todos estariam de acordo na seguinte assertiva: a modernidade envelheceu. A razão, instrumento com que o Iluminismo queria combater as trevas da superstição, é denunciada como o principal agente de controle e dominação.

Hodiernamente, o nosso cotidiano foi convertido pela mídia - através da imagem repetitivamente produzida - num puro mundo semiológico, onde o mundo e o imaginário dos símbolos tornaram-se um só. Nas palavras Milton Santos (1993:16), vivemos contemporaneamente "um período de acelerações superpostas, concomitantes... Daí a sensação de um presente que foge."

O apelo da publicidade estetizada envolve a personalização e a erotização do mundo das mercadorias... O mundo social se desmaterializa, passa a ser signo, simulacro, hiper-realidade.

É exatamente essa acentuação contemporânea do espaço como um campo de signos e símbolos que torna a geografia um saber/conhecimento de poder amplificado. De uma ciência da paisagem à uma ciência de um cotidiano semiologizado, a geografia candidata-se assim a converter-se no mais concreto discurso da (de)codificação do imaginário em nossa época.

Num período de imagens inconstantes, de sucessões alucinantes, a ciência geográfica tem de saber falar a linguagem dos símbolos. Pois, como nos alerta Rui Moreira (1993:52), "a mídia explode a seu modo o mundo cartesiano e leva consigo a velha geografia."

Urge, então refundar a Geografia, inspirada nas realidades do presente, para ser um instrumento eficiente - práxis para a refundação do viver.

Historicamente fazer Geografia consistiu em localizar e descrever a paisagem do fenômeno localizado. Nesse tempo, vivia-se num mundo de paisagem permanentes e localizações fixas. Em dias atuais, a paisagem é o mundo fluido. Tudo é movimento.

A objetividade geográfica dada tem se constituído num dos principais instrumentos de consolidação de um mundo arraigado na separação entre o racional e o simbólico, a razão e a fantasia, o real e a utopia.

Então, como fica "aqui e agora" a situação da Geografia nessa paisagem fluidificada?

Para Rui Moreira (1993:52) "poucas das armas do passado de leitura da paisagem podem sobreviver diante de uma tão radical subversão dos espaços..." Desta forma, a Geografia pede novas formas de leituras de imagem.

No momento em que se coloca em dúvida a "razão superior" quebra-se o arcabouço epistemológico e este parece ser o papel do pós-modernismo.

É preciso que assumamos um papel profundamente renovador, que jamais se pretenda acabado, que respeite a diversidade e assimile ao lado da igualdade, a convivência com a contradição e a incessante busca de novas alternativas para uma sociedade mais humanitária - onde verdadeiramente se aceite que o ser humano é dotado não somente da capacidade de reproduzir, mas fundamentalmente de criar, e que o ato criativo é suficientemente aberto para não se restringir às determinações da racionalidade.

Quiçá, seja está a hora de acertamos o passo ou, quem sabe, utopicamente, darmos um passo à frente.

Referências Bibliográficas

01. COSTA, R. H. "Filosofia, geografia e pós-modernidade. In: **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB/Marco Zero. 1990 (7)63:92.
02. GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Edunesp. 1991.
03. HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo : Loyola, 1992.
04. LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo C. Barbosa. 4.cd. Rio de Janeiro : José Olímpio. 1993.
05. MOREIRA, R. **O círculo e a espiral - a crise paradigmática do mundo moderno**. Rio de Janeiro: Obra Aberta. 1993.
06. ----- " O racional e o simbólico na geografia." In: **O novo mapa do mundo**. São Paulo:Hucitec/Anpur. 1993. p.46-55.
07. PEET, R. " Mapas do mundo no fim da história." In: **O novo mapa do mundo**. São Paulo : Hucitec/Anpur. 1993. p.46-65.
08. ROUANET, S.P. **As razões do iluminismo**.2.reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
09. ----- **Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.
10. SANTOS, M. " A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo." In: **O novo mapa do mundo**. São Paulo. Hucitec/Anpur. 1993. p. 15-21.
11. SILVA, A. C. **A aparência, o ser e a forma**. São Paulo . 1988.
12. ----- **A geografia e a totalidade estrutural em crise de fundamentos**. São Paulo. s.d.
13. ----- **A metrópole e as razões da razão técnica**. São Paulo. 1989.
14. ----- **Geografia, pós-modernidade e metodologia**. Presidente Prudente/SP, 1993.
15. ----- **Geografia, pós-modernidade e subjetividade**. Presidente Prudente/SP. 1993.
16. ----- **Geografia, pós-modernidade e cultura**. Presidente Prudente/SP. 1993.
17. ----- **Geografia, modernidade e pós-modernidade**.Presidente Prudente/SP. 1993.
18. SILVEIRA, M. L. " Totalidade e fragmentação: o espaço global o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In: **O novo mapa do mundo**. São Paulo:Hucitec/Anpur. 1993. p.201-209.